

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Viviani de Moraes Freitas Ribeiro

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CARTOGRAFIA AFETIVA:
Uma possibilidade de metodologia de ensino

Rio de Janeiro
2020



Viviani de Moraes Freitas Ribeiro

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CARTOGRAFIA AFETIVA:
Uma possibilidade de metodologia de ensino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Orientadora: Professora Vivian Greco
Cavalcanti de Araujo, Msc.

Rio de Janeiro
2020

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R484 Ribeiro, Viviani de Moraes Freitas.

Educação patrimonial e cartografia afetiva: uma possibilidade de metodologia de ensino / Viviani de Moraes Freitas Ribeiro. - Rio de Janeiro, 2020.

50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Vivian Greco Cavalcanti de Araújo.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Educação Patrimonial.
3. Cartografia. I. Araújo, Vivian Greco Cavalcanti de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Viviani de Moraes Freitas Ribeiro

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CARTOGRAFIA AFETIVA:
Uma possibilidade de metodologia de ensino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Professora M.a. Vivian G. C. de Araujo (Orientadora)
Colégio Pedro II

Professora
Colégio Pedro II

Professora
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2020

Dedico esta obra aos meus amados filhos
Manuela e Rafael, inigualáveis fontes de
energia, orgulho e inspiração.

Materializações do amor de Deus em minha
vida.

Luzes no meu caminho.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo maravilhoso presente que é a vida.

À minha mãe Airtes por ser amiga e presente em todas as horas.

Ao meu marido Sildenir por ter me escolhido para unir a sua vida a minha.

Aos meus filhos Manuela e Rafael por me fazerem sonhar, rir, acreditar e seguir em frente.

À minha irmã Valéria e aos meus sobrinhos Mariana e Matheus pelo carinho incondicional.

À professora Vivian Greco Cavalcanti de Araujo pela preciosa orientação.

Ao corpo docente deste Curso de Pós-Graduação por compartilharem suas experiências e saberes.

Ao Colégio Pedro II, onde vivi os melhores anos da minha vida como aluna do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (1985-1992), por mais uma vez escrever com letras douradas a minha trajetória educacional, permanecendo para sempre no meu coração e nas minhas melhores memórias.

“A importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balança, nem com barômetro, etc. A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

(Manoel de Barros. Memórias Inventadas).

RESUMO

RIBEIRO, Viviani de Moraes Freitas. **Educação Patrimonial e Cartografia Afetiva: Uma possibilidade de metodologia de ensino.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

A importância de um patrimônio cultural (de uma coisa) há que ser medida pelo encantamento que esse bem de natureza natural, material ou imaterial (a coisa) produza em nós. Para tanto, a Educação Patrimonial associada a Cartografia Afetiva foi pensada como uma possibilidade de metodologia de ensino voltada ao conhecimento da cultura e considerada capaz de incentivar uma nova leitura da realidade que nos cerca e das relações que estabelecemos com o patrimônio cultural, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, a sua valorização e a sua preservação. Essa metodologia de ensino foi desenvolvida na presente pesquisa no formato de um projeto transdisciplinar voltado ao Ensino Médio e o produto educacional esperado consiste em um Caderno de Atividades para a Produção de Mapas Afetivos, contendo seis programas desenvolvidos especialmente para seis patrimônios culturais da cidade do Rio de Janeiro, reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e/ou pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. A ideia principal é que os alunos, a partir de contextualizações prévias sobre Educação Patrimonial e Cartografia Afetiva realizadas pelos professores das diferentes disciplinas envolvidas no projeto proposto e suas distintas competências, realizem visitas guiadas aos patrimônios selecionados no Caderno de Atividades, e sejam capazes de cartografar suas experiências e afetividades através desenhos, colagens, pinturas, fotografias, filmagens, objetos, textos, entre outras linguagens.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Patrimonial, Cartografia Afetiva, Mapas Afetivos.

ABSTRACT

RIBEIRO, Viviani de Moraes Freitas. **Educação Patrimonial e Cartografia Afetiva: Uma possibilidade de metodologia de ensino.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

The importance of a cultural heritage (of a thing) must be measured by the enchantment that this natural, material or immaterial good (the thing) produces in us. To this end, Heritage Education associated with Affective Cartography was thought of as a possibility of teaching methodology aimed at knowledge of culture and considered capable of encouraging a new reading of the reality that surrounds us and of the relationships we establish with cultural heritage, with the objective to collaborate for its recognition, its valorization and its preservation. This teaching methodology was developed in the present research in the form of a transdisciplinary project aimed at high school and the expected educational product consists of an Activity Book for the Production of Affective Maps, containing six programs developed especially for six cultural heritage sites in the city of Rio de Janeiro, recognized by the National Historical and Artistic Heritage Institute – IPHAN and/or by the City of Rio de Janeiro. The main idea is that students, from previous contextualizations about Heritage Education and Affective Cartography carried out by teachers of the different disciplines involved in the proposed project and their different competences, make guided visits to the heritage selected in the Activity Book, and be able to map their experiences and affection through drawings, collages, paintings, photographs, filming, objects, texts, among other languages.

Keywords: Heritage Education, Affective Cartography, Affective Maps.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Quinta da Boa Vista

Figura 2 – O Jardim Botânico

Figura 3 – O Sítio Arqueológico Cais do Valongo

Figura 4 – O Quilombo Pedra do Sal

Figura 5 – O Aqueduto da Carioca (Os Arcos da Lapa)

Figura 6 - O Paço Imperial

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPPUR – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 JUSTIFICATIVA	14
3 QUESTÃO CENTRAL	15
4 OBJETIVOS	15
4.1 OBJETIVO GERAL.....	15
4.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	15
5 REFERENCIAL TEÓRICO	16
5.1 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	16
5.1.1 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO DE ARTES VISUAIS.....	17
5.1.2 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A AFETIVIDADE	19
5.2 CARTOGRAFIA AFETIVA.....	20
5.2.1 OS MAPAS AFETIVOS	21
5.2.2 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E OS MAPAS AFETIVOS.....	22
6 O PRODUTO EDUCACIONAL	24
6.2 METAS A SEREM ALCANÇADAS	27
6.3 AVALIAÇÃO.....	28
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
APENDICE A – O PRODUTO EDUCACIONAL.....	37
1. MAPA AFETIVO DA QUINTA DA BOA VISTA.....	40
2. MAPA AFETIVO DO JARDIM BOTÂNICO	42
3. MAPA AFETIVO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAIS DO VALONGO.....	44
4. MAPA AFETIVO DO QUILOMBO PEDRA DO SAL.....	46
5. MAPA AFETIVO DO AQUEDUTO DA CARIOCA (ARCOS DA LAPA)	48
6. MAPA AFETIVO DO PAÇO IMPERIAL	50

1 INTRODUÇÃO

O abandono é um dos principais problemas do patrimônio cultural em nosso país. O descaso e a falta de investimentos e de iniciativas voltadas a preservação dos patrimônios culturais impactam profundamente na memória e na identidade do nosso povo, caracterizando um longo processo de desvalorização da cultura e da história do Brasil.

A preservação do patrimônio cultural é uma questão de cidadania e, não somente, um problema do Poder Público federal, estadual ou municipal. É uma demanda importantíssima, que deve ser considerada pela sociedade como um todo.

A consciência da importância da preservação do patrimônio cultural deve ser despertada nos indivíduos por meio da educação em um processo contínuo de valorização da formação cultural dos alunos com base no reconhecimento da importância do patrimônio natural, material e imaterial local para a sociedade. Nesse sentido, introduzir a Educação Patrimonial nos currículos escolares como um tema transversal ao programa básico a ser adotado no Ensino Médio é pensar a cultura como um direito fundamental para o exercício da plena cidadania.

Parafraseando Manoel de Barros, em seu livro “Memórias Inventadas”, a importância de um patrimônio cultural (de uma coisa) há que ser medida pelo encantamento que esse bem de natureza natural, material ou imaterial (a coisa) produza em nós. Para tanto, a Educação Patrimonial associada a Cartografia Afetiva foi pensada como uma possibilidade de metodologia de ensino voltada ao conhecimento da cultura e considerada capaz de incentivar uma nova leitura da realidade que nos cerca e das relações que estabelecemos com o patrimônio cultural, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, a sua valorização e a sua preservação.

Essa metodologia de ensino será desenvolvida na presente pesquisa na forma de um projeto transdisciplinar voltado ao Ensino Médio e os produtos educacionais esperados consistem em Mapas Afetivos a serem elaborados pelos alunos com base em visitas guiadas por professores de Artes Visuais, juntamente com professores das diferentes disciplinas envolvidas no projeto proposto, a determinados espaços da cidade do Rio de Janeiro, que contenham patrimônios culturais reconhecidos pelo IPHAN e/ou Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. A ideia principal é que os alunos, a partir de contextualizações prévias sobre Educação Patrimonial e Cartografia Afetiva, realizadas pelos professores segundo suas distintas competências, cartografem suas experiências e afetividades durante as visitas aos patrimônios culturais através desenhos, colagens, pinturas, fotografias, filmagens, objetos, textos, entre outras linguagens.

2 JUSTIFICATIVA

A pesquisa se faz importante ao propor a introdução da Educação Patrimonial nos currículos escolares do Ensino Médio, como tema transversal ao programa básico a ser adotado.

Esse pensamento se baseia na ideia de que a Educação Patrimonial, por apresentar amplas possibilidades de trabalho, pode ser perfeitamente incorporada ao currículo básico desse segmento específico através de um projeto transdisciplinar, que propicie no seu sistema de níveis e objetivos múltiplos, o desenvolvimento da consciência, da afetividade e da criatividade dos alunos.

Nesse sentido, o projeto transdisciplinar proposto e baseado na reflexão e na ação associa esse ensino relacionado ao patrimônio histórico e cultural a “ferramenta de aplicação *in loco*” (SILVEIRA *et. al.*, 2019, p. 5) da Cartografia Afetiva, com vistas a cativar, motivar, despertar sentimentos e emoções nos alunos do Ensino Médio em relação aos bens de natureza material e imaterial a serem inventariados nas localidades que fazem parte e/ou vivenciam, terminando com o isolamento das disciplinas. De acordo com Silveira *et. al.* (2019),

“A cartografia é uma ferramenta comum no ramo da Geografia, porém, neste trabalho ela ganha um olhar mais sensível para buscar entender traços subjetivos e simbólicos do meio urbano. Os aspectos educacionais dessa prática têm se destacado como uma maneira eficiente e de ampla contribuição, tanto para a comunidade, como para o pesquisador que se propõe a lançar mão de tal técnica que busca registrar e entender outros aspectos que compõem as camadas sensoriais de um lugar. Com isso, tem-se como cartografia afetiva, a reunião de entrevistas, depoimentos, desenhos e informações cedidas por pessoas inseridas no recorte estudado, em busca de informações que podem estar inseridas profundamente no ser e que só vem à tona a partir de um contato pessoal” (SILVEIRA *et. al.*, 2019, p. 5).

Dessa forma, a Educação Patrimonial associada a Cartografia Afetiva, temas dessa proposta de projeto transdisciplinar de ensino, exigirão uma atualização constante dos conteúdos e das didáticas com vistas a um processo de construção dinâmica e coletiva do conhecimento, que será materializado nos seguintes produtos educacionais: Mapas Afetivos a serem elaborados pelos alunos a partir de visitas guiadas aos locais onde os patrimônios culturais a serem inventariados conjuntamente se encontram.

Tais Mapas Afetivos visam estabelecer novas conexões entre os atores do processo e o patrimônio cultural, estimulando a afetividade dos alunos com base no registro de suas experiências por meio de diferentes linguagens e expressões artísticas e literárias.

3 QUESTÃO CENTRAL

A questão central desta pesquisa é: Como elaborar uma metodologia de ensino que associe a Educação Patrimonial a Cartografia Afetiva em um projeto transdisciplinar, que apresente como produtos educacionais Mapas Afetivos, elaborados pelos alunos do Ensino Médio e capazes de contribuir para a preservação do patrimônio cultural, o sentimento de pertencimento, a melhoria da autoestima, o aumento da cooperação e o estímulo da criatividade?

4 OBJETIVOS

A pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

4.1 Objetivo geral

Estabelecer uma associação entre a Educação Patrimonial e a Cartografia Afetiva com o objetivo geral de colaborar para o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio cultural, compreendendo a cultura como um direito fundamental para o exercício da plena cidadania.

4.2 Objetivo específico

Elaborar uma metodologia de ensino com base da Educação Patrimonial e na Cartografia Afetiva para um projeto transdisciplinar, que apresente como produto educacional um Caderno de Atividades para a Produção de Mapas Afetivos, contendo seis programas desenvolvidos especialmente para seis patrimônios culturais da Cidade do Rio de Janeiro, reconhecidos pelo IPHAN e/ou pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: 1) a Quinta da Boa Vista, 2) o Jardim Botânico, 3) o Sítio Arqueológico Cais do Valongo, 4) o Quilombo Pedra do Sal, 5) o Aqueduto da Carica (Arcos da Lapa) e, 6) o Paço Imperial, com a finalidade de ser utilizado em escolas de Ensino Médio por professores e alunos em ambientes educativos formais e não formais, mas especialmente na educação formal.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 A Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial com seus princípios e diretrizes conceituais foi considerada nessa pesquisa como um conjunto de processos educativos capaz de superar “as ações centradas nos acervos e construções isoladas” e de propiciar “a compreensão dos espaços territoriais como um documento vivo, passível de leitura e interpretação por meio de múltiplas estratégias educativas” (FLORÊNCIO, 2012, p. 23). No que diz respeito a Educação Patrimonial, o portal do IPHAN expõe que,

“todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca, estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação Patrimonial” (Portal do IPHAN, Educação Patrimonial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em 19/10/19).

A Educação Patrimonial é “entendida como eficaz em articular saberes diferenciados e diversificados” e, também, em “potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos” (FLORÊNCIO, 2012., 23 e 26). Para Florêncio (2012),

“a Educação Patrimonial deve considerar que a preservação dos bens culturais é uma prática social, inserida nos contextos culturais, nos espaços da vida das pessoas. Ela não deve se utilizar de práticas que enaltecem e reificam coisas e objetos sem submetê-los a um universo de ressignificação dos bens culturais” (FLORÊNCIO, 2012, p. 25).

Essas capacidades foram primordiais à escolha dessa temática imprescindível ao resgate da memória e da identidade de um povo e estruturante para o projeto transdisciplinar proposto nesse estudo como possibilidade de metodologia de ensino. Nesse sentido, a publicação do IPHAN “Educação Patrimonial: Histórico, conceito e processos”, informa que:

“qualquer que seja a ação implementada ou o projeto proposto, sua execução supõe o empenho em identificar e fortalecer os vínculos das comunidades com o seu Patrimônio Cultural, incentivando a participação social em todas as etapas da preservação dos bens” (2014, p.21).

É dever do Estado, segundo Ferreira e Mango (2017, p. 83), “valorizar a cultura, garantir o exercício da cultura e difusão das manifestações culturais, bem como assegurar o acesso às fontes de cultura nacional”. Contudo, a preservação do patrimônio cultural não é apenas um dever do Estado, mas uma questão de cidadania. Uma demanda importantíssima, que deve ser considerada

pela sociedade como um todo. Desse modo, a inclusão da cultura no currículo escolar por meio de um projeto transdisciplinar estruturado pela Educação Patrimonial é de extrema relevância.

5.1.1 A Educação Patrimonial e o Ensino de Artes Visuais

O ensino de Artes Visuais deve ser entendido como uma construção dinâmica e coletiva do conhecimento com base em uma metodologia participativa permanente. Nesse sentido, a Arte como experiência educativa, conforme a teoria de Dewey (2010)¹, e processo dinâmico, deve propiciar constantes reflexões, debates e reformulações dos programas de ensino. E, enquanto processo coletivo, deve oportunizar experiências para a introdução de outros saberes aos programas básicos adotados no ensino formal e, também, no âmbito da educação não formal, considerando as especificidades inerentes a cada faixa etária.

O ensino de Artes Visuais possibilita aos alunos conhecer e experienciar diferentes linguagens não-verbais pouco exploradas em outras disciplinas e favorece os processos criativos que envolvem a imaginação, a expressão da sensibilidade a partir de estímulos e propiciam uma aprendizagem teórica, prática e significativa.

Determinados conteúdos podem ser trabalhados na forma de temas transversais, interdisciplinares e/ou transdisciplinares, como é o caso da Educação Patrimonial, escolhida no presente estudo como estratégia educacional para nortear a elaboração de um projeto transdisciplinar, que propicie processos de aprendizagem autônomos e cooperativos nas diferentes disciplinas e, em especial, no âmbito da disciplina Artes Visuais, a medida que, nas palavras de Wosniak (2018),

“trazer a Arte para o centro da vida cotidiana, como requer Dewey, é acreditar que esse cotidiano possa ser poetizado. O lugar potencial para que essas transformações ocorram seria, sem dúvida, os espaços educativos. Manter um projeto educativo voltado às questões estético-artísticas propiciaria que os novos apreciadores de Artes fossem realmente apreciadores capazes de transformarem as experiências incipientes em experiências estéticas (WOSNIAK, 2018, p. 15)

De acordo com a Portaria IPHAN Nº 137/2016, que estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do IPHAN e das Casas do Patrimônio, em seu Art. 2º, a Educação Patrimonial é entendida como:

¹ “Para John Dewey, a arte deveria se situar ao lado das coisas da experiência comum da vida, ou seja, inserida em um contexto diretamente humano, ao contrário de estarem relegadas exclusivamente aos museus ou galerias, compartimentalizadas em teorias que distanciam as experiências estéticas da vida cotidiana, ou seja, do prazer pessoal que, segundo o autor, está próximo às coisas da natureza, como o ar, o solo, a luz, as flores. Seriam desses lugares que brotariam as coisas esteticamente admiráveis” (DEWEY, 2010) (WOSNIAK, 2018, p. 4).

“os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sóciohistórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação” (BRASIL, 2016, Portaria IPHAN N° 137).

O documento estabelece, ainda, que “os processos educativos deverão primar pelo diálogo permanente entre os agentes sociais e pela participação efetiva das comunidades”. Conforme o seu Art. 3º, são diretrizes da Educação Patrimonial:

- I - Incentivar a participação social na formulação, implementação e execução das ações educativas, de modo a estimular o protagonismo dos diferentes grupos sociais;
- II - Integrar as práticas educativas ao cotidiano, associando os bens culturais aos espaços de vida das pessoas;
- III - Valorizar o território como espaço educativo, passível de leituras e interpretações por meio de múltiplas estratégias educacionais;
- IV - Favorecer as relações de afetividade e estima inerentes à valorização e preservação do patrimônio cultural;
- V - Considerar que as práticas educativas e as políticas de preservação estão inseridas num campo de conflito e negociação entre diferentes segmentos, setores e grupos sociais;
- VI - Considerar a intersetorialidade das ações educativas, de modo a promover articulações das políticas de preservação e valorização do patrimônio cultural com as de cultura, turismo, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas;
- VII - Incentivar a associação das políticas de patrimônio cultural às ações de sustentabilidade local, regional e nacional;
- VIII - Considerar patrimônio cultural como tema transversal e interdisciplinar” (BRASIL, 2016, Portaria IPHAN N° 137).

Estabelecer pontes entre as Artes Visuais e as demais disciplinas do currículo básico do Ensino Médio com o patrimônio cultural da Cidade do Rio de Janeiro e, especialmente, percorrer esses caminhos durante as visitas guiadas pelos professores é uma forma poderosa de compreensão dos diferentes lugares, das suas tradições, das culturas imateriais presentes nesses espaços e dos bens simbólicos, aprofundando o conhecimento dos alunos e ampliando o acesso a esses patrimônios artísticos e históricos.

Os maiores desafios identificados para a implementação do projeto transdisciplinar elaborado a partir da temática da Educação Patrimonial são: 1) primar pelo reconhecimento da autonomia do ensino de Artes Visuais e de seus conteúdos; 2) fazer com que todos os envolvidos com essa proposta de metodologia de ensino compreendam que os professores de Artes não participarão do processo apresentando meros recursos ilustrativos para a fixação dos conteúdos das demais disciplinas; 3) conscientizar alunos e professores para o fato de que todas as áreas de conhecimento são fundamentais para o sucesso dos produtos educacionais, ou seja, os Mapas

Afetivos a serem elaborados pelos alunos; 4) compreender que a elaboração dos Mapas Afetivos enquanto “experiências” em Artes não são totalmente livres e sem propósitos, mas processos de aprendizagem e; 5) primar pela formação cultural dos indivíduos sem rótulos desnecessários e hierarquias pré-concebidas em relação às disciplinas.

Superados esses desafios, todos ganham: alunos, professores e sociedade à medida que a memória, a identidade do nosso povo, a cultura e a história do Brasil são valorizadas e preservadas.

5.1.2 A Educação Patrimonial e a Afetividade

Como cuidar de algo que não se conhece, não se admira e não se sabe o valor cultural e histórico?

Partimos do princípio que é necessário conhecer para proteger. A sensibilização do porquê e a noção do como preservar algo devem ser estimuladas desde a infância com o objetivo de fortalecer a identidade e a cidadania dos sujeitos. Para tanto, a reflexão sobre as referências individuais e como elas contribuem para a formação de seres únicos e especiais faz toda a diferença para a compreensão da importância da diversidade cultural, dos costumes e das tradições dos diferentes povos, que contribuíram para a formação da nossa sociedade, e para que cada aluno individualmente se sinta parte de um todo inserido em um território, que possui uma história repleta de curiosidades, que precisa ser preservada. Para Albuquerque (2012, p. 4 e 5),

“A forma de se garantir a preservação dos valores culturais da sociedade e a inserção do patrimônio cultural no cotidiano das comunidades passa necessariamente por ações voltadas para a sensibilização dos cidadãos, sujeitos da transformação social e importantes agentes para se alcançar o desenvolvimento sociocultural.

(...) A valorização do patrimônio cultural brasileiro passa pela ação pedagógica com o objetivo de desenvolver o processo permanente e sistemático de inserção do conhecimento junto à comunidade. A Educação Patrimonial apresenta-se como suporte de conhecimento a promover no indivíduo a noção de cidadania, desenvolvendo, assim, de modo coletivo, o sentido de pertencimento e apoderamento, elementos basilares para sensibilização da sociedade e geradores do orgulho e da auto-estima, que fazem elevar o senso de preservação do patrimônio cultural” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 4 e 5).

A reflexão e a compreensão dos processos de formação das cidades e da sociedade podem ser melhor alcançadas quando os sujeitos são tocados no campo afetivo e a Educação Patrimonial, enquanto um processo permanente de “alfabetização cultural”, aliada ao ensino da Arte, seria um

excelente caminho e uma fonte inesgotável de conhecimento, de evolução individual e de criatividade, que permite a leitura do mundo que nos cerca e reforça a autoestima dos indivíduos e das comunidades. Segundo Teixeira e Freitas (2009),

“O ensino de Arte traz em sua concepção o uso da expressão e das possibilidades das linguagens não-verbais, valorizando potencialidades, frequentemente não exploradas em outras disciplinas. Especificamente nas artes visuais, os recursos materiais, associados às intervenções e mediações do docente favorecem o conhecimento sensível e a aprendizagem significativa, presentes nos processos de criação. O ensino de Arte centrado na construção de um conhecimento significativo é capaz de promover percepções e ações igualmente significativas ao sujeito” (TEIXEIRA, FREITAS, 2009, p. 3787 e 3793).

Desse modo, a Educação Patrimonial e o desenvolvimento da afetividade dos alunos se constituiriam como caminhos possíveis ao conhecimento, a valorização cultural e a preservação da memória e da história de alguns patrimônios culturais previamente inventariados. Acredita-se que oportunizar o conhecimento de alguns patrimônios culturais, sensibilizando os alunos e levando-os a se sentirem parte da história desses locais, possibilitará o desenvolvimento de laços de afetividade com esses locais e, conseqüentemente, o surgimento de ideias voltadas a proteção desses patrimônios e, de modo mais abrangente, a valorização da cultura brasileira.

5.2 Cartografia Afetiva

A Cartografia Afetiva baseada em Mapas Afetivos é compreendida como um olhar carregado de afetividade sobre os espaços de vida, capaz de gerar um sentimento de pertencimento, de promover a aprendizagem cooperativa e de desenvolver ações de preservação do patrimônio e de valorização de sua memória cultural. Para Silveira *et. al.* (2019, p. 5), “a cartografia é uma ferramenta comum no ramo da Geografia”, que “ganha um olhar mais sensível para buscar entender traços subjetivos e simbólicos” dos espaços vividos pelos alunos. Segundo o pensamento desses autores, a cartografia afetiva é “a reunião de entrevistas, depoimentos, desenhos e informações cedidas por pessoas inseridas no recorte estudado, em busca de informações, que podem estar inseridas profundamente no ser e que só vem à tona a partir de um contato pessoal”. Nesse sentido:

“são bem-vindas toda e qualquer contribuição oral, escrita, informal ou formal, que possam somar no material inventariado ou cartografado. Aqui, o cartógrafo é colocado como aquele que busca pontes e ligações entre linguagens e expressões daqueles que estão sendo cartografados através de uma sensibilidade do autor, que pela convivência e vivência consegue interpretar e captar nuances na narrativa que

podem fugir às análises superficiais” (SILVEIRA; FREITAS; MATOS, 2019, p. 5).

O produto educacional proposto: um Caderno de Atividades para a Construção Coletiva de Mapas Afetivos, foi pensado como uma tentativa de preencher uma lacuna percebida na educação formal e que se caracteriza pela carência de atividades educativas voltadas à valorização do patrimônio cultural, o que leva ao desconhecimento por grande parte dos alunos dos patrimônios culturais existentes nas cidades do nosso país fadados ao abandono.

Com relação ao conceito de Cartografia Afetiva, enquanto um método para a construção de Mapas Afetivos a serem construídos coletivamente nas aulas de Artes Visuais, mediado pela Educação Patrimonial, este será definido a partir do pensamento de vários autores, a saber:

Para Pereira (2016, p. 21), a Cartografia Afetiva

“decorre da experimentação que parte de proposições lançadas pelo professor-artista-cartógrafo-etc, com base em afecções compartilhadas nos encontros ao longo do processo. As variantes das cartografias se compõem de vivências em acompanhamentos éticos e estéticos de vida, criando conexões de rede de afetos. Utilizar-se da cartografia como método é apostar na percepção das coisas pela experiência do deixar vir e ouvir o outro, trazendo este processo para a Arte e a educação de maneira poética” (PEREIRA, 2016, p. 21).

Dessa forma, para cartografar os espaços sugeridos pelo produto educacional ora proposto será imprescindível a aproximação dos alunos com os diferentes espaços selecionados na Cidade do Rio de Janeiro, de modo que possam vivenciá-los, compreendê-los enquanto formação social e urbana, senti-los como partes de sua própria história de vida e reconhecê-los como fundamentais à preservação da memória e da cultura nacional para que sejam posteriormente representados graficamente em Mapas Afetivos.

5.2.1 Os Mapas Afetivos

Os Mapas Afetivos, também denominados como Mapas Mentais, integram a vertente da Geografia das Representações, ainda em consolidação.

De acordo com Kosel (2013, p. 65), “cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e, conseqüentemente, uma visão muito particular dos lugares e territórios”. Para essa autora,

“o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações, onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes, vivências, entre outros. As imagens espaciais provenientes dessas subjetividades

foram denominadas mapas cognitivos, mapas conceituais e, posteriormente, mapas mentais.

(...) O conhecimento espacial adquirido pelos homens consiste, sobretudo, em imagens mentais construídas na trajetória de sua vivência a partir da percepção. Essas imagens levam a construir um espaço mental que é percebido, concebido e representado pelos indivíduos”

(...) O ser humano é influenciado por aquilo que vê e sente, ativando a sensibilidade a atribuir ao que é visto uma variedade infinita de simbologias. Estes significados transitam historicamente e transmutam-se continuamente, tanto individual como coletivamente, influenciados ainda pelos aspectos culturais, sociais e afetivos” (KOSEL, 2013, p.65).

Segundo Ciasca (2018, p. 212), os Mapas Afetivos “objetivam representar como se revelam determinadas lembranças de algum indivíduo relacionadas a um local, evidenciando seus lugares da memória, como pontos que mais marcam uma pessoa na cidade, em seu cotidiano (CIASCA, 2018, p. 212 *apud* VETTORASSI, 2014). Dessa forma, para essa autora, a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, de forma que é, em parte, herdada, e não se refere apenas à vida física da pessoa. E, sendo assim, é um fenômeno “construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (CIASCA, 2018, p. 212).

Nesse sentido Furlani e Bomfim (2010, p. 51), afirmam que o sujeito “imerso em relações sociais, tem a possibilidade de ir se desenvolvendo, estabelecendo trocas constantes com o meio em que se encontra e com outros sujeitos”. Seguindo o pensamento das autoras, “esses indivíduos são possuidores de uma referência cultural e histórica peculiar, que influencia suas formas de sentir, pensar, agir e ser. Essa cultura é entendida como um resultado da atividade humana, que se configura em um meio social que modifica e é modificado pelo homem”.

Partindo desses princípios, o presente trabalho visa estimular a emoção dos alunos, a expressão de seus sentimentos por meio de diferentes linguagens e a representação dos seus pensamentos ao longo do processo de construção coletiva de Mapas Afetivos, de modo que essa experiência se torne significativa na vida destes e de seus professores e se constituam em reflexos dos conhecimentos e dos sentimentos dos alunos, dos seus cotidianos e de suas histórias de vida.

5.2.2 A Educação Patrimonial e os Mapas Afetivos

Todas as iniciativas voltadas à realização de ações educativas em prol da proteção e da preservação do patrimônio cultural brasileiro são importantes e devem ser incentivadas.

Nesse sentido, a Educação Patrimonial se apresenta como um caminho possível para o fortalecimento das identidades locais, a valorização dos saberes e a mobilização social em torno do

patrimônio cultural. Deve ser um processo contínuo e implementada ao longo de toda a vida escolar dos sujeitos.

No pensamento de Florêncio (2019, p. 62), a Educação Patrimonial não é uma metodologia. “Ela pode e deve utilizar múltiplas abordagens, metodologias, performances, leituras da realidade que já são utilizadas pelos agentes do território e que podem se ampliar nos processos de construção coletiva e planejamento das ações”. Para a autora,

“as experiências educativas são mais efetivas quando integradas às demais dimensões da vida das pessoas. Em outras palavras, devem fazer sentido e serem percebidas nas práticas cotidianas. No caso das ações educativas em prol da preservação e valorização do patrimônio cultural, em lugar de preservar lugares, edificações e objetos pelo seu valor em si mesmo, em um processo de reificação, as políticas públicas na área deveriam associar continuamente os bens culturais e a vida cotidiana, como criação de símbolos e circulação de significados” (FLORÊNCIO, 2019, p. 63).

Nesse estudo, a Educação Patrimonial associada a Cartografia Afetiva buscará estabelecer uma conexão entre professores, alunos e suas respectivas vivências individuais e em grupo, os patrimônios culturais da Cidade do Rio de Janeiro selecionados no Caderno de Atividades, os conceitos de educação patrimonial, entre outros conceitos pertinentes às diferentes disciplinas envolvidas no projeto e linguagens artísticas com vistas a despertar múltiplas sensações e desencadear trocas, percepções e afetos.

TamANHOS desafios, entre eles: ultrapassar os limites da escola, conquistar novos territórios, explorar usos do espaço, vivenciar outras realidades, conhecer diferentes e singulares formas de pensar, agir e existir no mundo, podem inicialmente amedrontar professores e alunos envolvidos no projeto, mas também pode, e é isso o que se espera, despertar a imaginação e abrir novos horizontes para o conhecimento, a formação individual e coletiva dos participantes e a pesquisa dessa temática tão rica e, ainda, com muitos nuances a serem explorados.

6 O PRODUTO EDUCACIONAL

Como Doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IPPUR-UFRJ (2005 a 2009), acredito que meus esforços para refletir, repensar e repactuar novas formas de produção da cidade e do território, sob uma lógica fundada na sustentabilidade e na participação popular, são heranças da minha formação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - FAU-UFRJ (1992 a 1997), da minha prática profissional como Analista Ambiental no Instituto Estadual do Ambiente – INEA, especificamente na área socioeconômica, e como professora do Curso Técnico em Edificações da Fundação de Apoio à Escola Técnica – FAETEC (a partir de 2011) e de Artes Visuais da Secretaria de Estado do Rio de Janeiro – SEEDUC (2005 a 2010), da Fundação Municipal de Educação de Niterói (2005 a 2010) e da rede particular de ensino (2001 a 2004).

Com a experiência acumulada ao longo de cerca de vinte anos, pude ampliar o meu foco de atenção da questão da construção e da (des)construção do espaço urbano produzido para a questão da sustentabilidade urbana com a ocupação inteligente dos espaços e para a necessidade de não apenas conciliar a preservação ambiental com a atividade econômica e os assentamentos humanos, mas de entender a relação entre espaço construído e o meio ambiente de forma integrada e de modo minimamente conflitante. Pude verificar, ainda, que não basta aprofundarmos os debates no campo do planejamento urbano e regional e a análise da produção urbana em benefício do desenvolvimento econômico, da qualidade de vida e do equilíbrio ambiental. Faz-se necessário sensibilizar a sociedade para a necessidade da apropriação e da valorização dos espaços que fazem parte da memória, da identidade, da cultura e da história do nosso povo. Espaços que, ao invés de abandonados à própria sorte, deveriam nos encher de orgulho e nos fazer sentir parte responsável pela preservação dessa herança às novas gerações, já que contribuem para as transformações da sociedade.

O produto educacional desenvolvido como resultado da presente pesquisa consiste em um Caderno de Atividades para a Construção Coletiva de Mapas Afetivos, contendo seis programas desenvolvidos especialmente para seis patrimônios culturais da cidade do Rio de Janeiro reconhecidos pelo IPHAN ou pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: 1) a Quinta da Boa Vista, 2) o Jardim Botânico, 3) o Sítio Arqueológico Cais do Valongo, 4) o Quilombo Pedra do Sal, 5) o Aqueduto da Carioca (Arcos da Lapa) e, 6) o Paço Imperial, com a finalidade de ser utilizado em

escolas de Ensino Médio, por professores e alunos em ambientes educativos formais e não formais, mas especialmente na educação formal.

Tal Caderno de Atividades pode ser considerado, segundo as palavras de Furlani e Bomfim (2010, 52), como um instrumento gerador de mapas afetivos. Esse caderno, enquanto produto educacional, está integrado a um projeto transdisciplinar voltado ao Ensino Médio, que associa a Educação Patrimonial a Cartografia Afetiva, pensada como uma possibilidade de metodologia de ensino voltada ao conhecimento da cultura e considerada capaz de incentivar uma nova leitura da realidade que nos cerca e das relações que estabelecemos com o patrimônio cultural, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, a sua valorização e a sua preservação.

A finalidade desse produto educacional é ser um método de investigação dos afetos dos alunos do Ensino Médio em relação ao ambiente, se caracterizando como um instrumento metodológico, que busca representar os sentimentos “por intermédio de desenhos, metáforas e palavras, direcionando uma compreensão da relação da pessoa com o entorno físico” (FURLANI e BOMFIM, 2010, p. 52).

O instrumento gerador dos Mapas Afetivos nos estudos de Furlani e Bomfim (2010, p. 52) é composto pelos seguintes itens: desenho, significado do desenho, sentimentos e palavras sínteses. O instrumento proposto nessa pesquisa e derivado daquele proposto pelas referidas autoras possuirá apenas a parte qualitativa, na qual os alunos elaboram imagens (desenhos e metáforas) e expressam seus sentimentos por meio da escrita. A parte quantitativa do método de Bomfim (2003) “composta da escala de tipo Likert e que em sua análise recebe um tratamento estatístico complementar” (BOMFIM et al., 2016, p. 150) não será considerada. De acordo Bomfim *et al.* (2016, p. 150 e 151),

“a análise do instrumento reporta-nos à relação do sujeito com o ambiente, que ocorre de modo cognitivo, afetivo e simbólico (CORRALIZA, 1998). Derivam desta formulação dos Mapas Afetivos: (1) a estrutura do mesmo, se cognitiva, quando o sujeito centra-se em elementos existentes no ambiente físico, ou metafórico, quando o desenho e seu significado fazem relação à comparação do ambiente com uma outra coisa e; (2) as imagens, expressas no sentido do mapa, respaldadas pela base teórica da Psicologia Ambiental, quais sejam, segundo Bomfim (2010):

- o pertencimento, quando o sujeito sente que pertence ao lugar e que o lugar lhe pertence, para além da posse material, conforme o conceito de apropriação do espaço (POL, 1996), neste caso o lugar é comparado com a própria casa, por exemplo:
- a agradabilidade, em que o respondente enfoca aspectos favoráveis do ambiente, capazes de suprir suas necessidades biológicas, psicológicas, econômicas e/ou sociais, assim o ambiente é caracterizado como agradável;
- a insegurança, que remete à sensação de instabilidade, de que algo inesperado pode acontecer, o que evoca sentimento de medo em relação ao ambiente;

- a destruição, em que ganham destaque os aspectos despotencializadores do ambiente, mais relacionados às características físicas, tais como: sujeira, desgaste, mau organização espacial, entre outras e;
- os contrastes, que abrange polarizações potencializadoras e despotencializadoras ao mesmo tempo, remetendo à contradição ao qualificar o ambiente, ou seja, esta categoria descreve situações em que o sujeito considera o ambiente, por exemplo, bonito e feio, agradável e sufocante, alegre e angustiante, entre outras.” (BOMFIM et al., 2016, p. 150 e 151).

Um conceito muito importante apresentado por Bomfim (2010) é a “Estima do Lugar”, “uma categoria ambiental socialmente construída, que aponta para a avaliação afetiva do sujeito em relação ao ambiente” Desse modo, a “Estima do Lugar” pode ser definida como:

“uma forma específica de conhecimento, relativa ao aspecto de significado ambiental na dimensão de emoções e sentimentos sobre o ambiente construído. Como categoria social, a estima pode ser compreendida como uma forma de pensamento social, que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar” (BOMFIM, 2010, p. 218).

Assim, a “Estima de Lugar” pode ser qualificada como potencializadora, quando se compõe das imagens de pertencimento e agradabilidade, ou despotencializadora, quando derivada da insegurança e da destruição (BOMFIM, 2010). A autora ressalta, ainda, que “a imagem de contrastes é transversal às demais, podendo estar presente tanto na qualificação potencializadora como despotencializadora da Estima” (BOMFIM et al., 2014), isto significa dizer que mesmo o sujeito destacando aspectos desagradáveis do ambiente, os pontos potencializadores podem se sobrepor e fomentar o cuidado e o amor pelo lugar, assim como o oposto também pode ser verdadeiro e o sujeito sintá-se desvinculado do ambiente por considerá-lo despotencializador (BOMFIM, 2016).

Por fim, como produtos educacionais, os Mapas Afetivos servem de instrumento da Educação Patrimonial para a avaliação e a intervenção nos ambientes analisados, conforme Bomfim (2010), envolvendo as dimensões tanto da construção de significados como do que é considerado físico.

As atividades se darão da seguinte forma:

1. Oficina de Educação Patrimonial (conceitos e diretrizes);
2. Oficina de Sensibilização (histórico e a valorização dos patrimônios culturais selecionados);
3. Aula de Campo (visitação dos patrimônios culturais);

4. Consolidação dos Saberes (debate em sala de aula relacionando as questões trabalhadas à realidade dos alunos);
5. Oficina de Arte Educação (apresentação de diferentes técnicas de produção artística);
6. Oficina de Planejamento dos Mapas Afetivos;
7. Construção Coletiva dos Mapas Afetivos;
8. Exposição dos Mapas Afetivos elaborados;
9. Oficina de Elaboração de Portfólios;
10. Exposição dos Portfólios (Avaliação).

Ressalta-se aqui a importância de se registrar em detalhes todas as atividades necessárias a construção coletiva dos Mapas Afetivos através de fotografias, desenhos, pinturas, gravações de áudio e vídeo, objetos, manuscritos, textos, entre outros processos que se queira utilizar.

6.2 Metas a serem alcançadas

A primeira meta a ser alcançada é a elaboração de um Caderno de Atividades para a Construção Coletiva de Mapas Afetivos com base em uma proposta de metodologia de ensino, que associe a Educação Patrimonial a Cartografia Afetiva no formato de um projeto transdisciplinar. Essa ideia surgiu a partir da identificação de uma lacuna existente na educação formal e que impacta na sociedade como um todo: o desconhecimento dos patrimônios culturais e, conseqüentemente, da sua importância para a história e para o desenvolvimento do país.

A segunda meta é fazer com que esse produto educacional seja capaz de atingir os alunos do Ensino Médio, reconhecidos nessa abordagem enquanto cidadãos ativos, com direito de expressar suas diferentes opiniões, capazes de transformar a sociedade e de encontrar soluções para melhorar a realidade que os cerca. Tal meta será alcançada à medida que as atividades educativas propostas por professores de diferentes disciplinas consigam sensibilizar os alunos estimulando a afetividade em relação aos espaços escolhidos e a criatividade na construção coletiva dos Mapas Afetivos em prol de um objetivo comum: a valorização do patrimônio cultural com vistas a sua preservação.

A terceira meta, considerada certamente a mais audaciosa, é despertar o sentimento de pertencimento dos alunos aos espaços escolhidos enquanto cidadãos ativos, melhorar a autoestima enquanto indivíduos especiais e diferentes, aumentar a cooperação e estimular a criatividade.

A proposta de metodologia de ensino desenvolvida para a construção coletiva de Mapas Afetivos é dinâmica à medida que são consideradas mudanças nas abordagens do projeto transdisciplinar a partir de diferentes formas de avaliação.

O Caderno de Atividades elaborado propõe a construção coletiva de seis Mapas Afetivos de patrimônios culturais da Cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, a proposta de metodologia de ensino é aberta e novas atividades educativas poderão ser elaboradas para outros patrimônios culturais considerados de relevância histórica e que propiciem diferentes processos de ensino-aprendizagem.

Cabe ressaltar que o viés da proposta de metodologia de ensino é de construção coletiva do conhecimento e as escolhas dos patrimônios culturais e das temáticas patrimoniais a serem abordadas poderão ser definidas em função da região em que as escolas estão inseridas e dos elementos que constituem a história local, o cotidiano e a identidade das comunidades envolvidas nos processos de ensino-aprendizagem a serem desenvolvidos.

6.3 Avaliação

A avaliação dos mapas afetivos por seu caráter bastante complexo ficará a cargo dos professores e dos alunos envolvidos no projeto.

O planejamento ou o ato de planejar caracteriza-se, segundo o dicionário Michaelis On-Line, como a “organização de uma tarefa com a utilização de métodos apropriados” e, ainda, a “determinação de ações para atingir as metas estipuladas”.

Na presente metodologia de ensino, que alia conceitos da Educação Patrimonial a Cartografia Afetiva, as atividades propostas envolverão conteúdos de outras disciplinas envolvidas no projeto transdisciplinar, além da disciplina Artes Visuais, o que ressalta a necessidade dos professores e os alunos determinarem os instrumentos e os critérios para a avaliação individual e em conjunto, não somente dos alunos, mas também dos professores e de suas práticas, no momento do planejamento dos processos a serem propostos para a construção coletiva dos Mapas Afetivos.

Segundo Silva e Craveiro (2014, p. 34) “a avaliação é interpretada de forma relacionada com a regulação e melhoria do processo ensino-aprendizagem”, constituindo-se em um suporte básico do planejamento.

A sugestão ora proposta é que cada professor avalie:

- 1) os mapas afetivos enquanto frutos de uma construção coletiva;

- 2) os grupos de alunos e os processos desenvolvidos coletivamente;
- 3) os alunos individualmente, destacando suas contribuições e o seu aprendizado durante todo o processo de construção coletiva dos mapas afetivos;
- 4) a si mesmo enquanto ator envolvido no projeto transdisciplinar (autoavaliação).

E, também, que os alunos avaliem:

- 1) os Mapas Afetivos enquanto frutos de uma construção coletiva;
- 2) o grupo de professores e os processos desenvolvidos coletivamente;
- 3) os professores individualmente, destacando suas contribuições e o seu aprendizado durante todo o processo de construção coletiva dos Mapas Afetivos;
- 4) a si mesmo enquanto ator envolvido no projeto transdisciplinar (autoavaliação).

Essas diferentes avaliações de professores e alunos serão realizadas em momentos a serem definidos pelo grupo, de preferência em reuniões de análise voltadas para essa etapa específica do projeto, e têm uma finalidade maior que é a avaliação da metodologia de ensino proposta nessa pesquisa, que consiste na associação entre a Educação Patrimonial e a Cartografia Afetiva com o objetivo geral de colaborar para o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio cultural, compreendendo a cultura como um direito fundamental para o exercício da plena cidadania.

A importância da avaliação do método empregado não se restringe a verificação do conhecimento dos alunos e professores e atribuição pura e simples de valores, mas pela abertura de novas possibilidades de emprego dessa metodologia a partir do momento que os atores envolvidos são convocados a repensar as atividades realizadas e os processos propostos com base nas experiências vivenciadas.

Ressalta-se aqui a necessidade de debates prévios entre professores e alunos sobre o que é avaliação, a sua importância e a definição de instrumentos e critérios que possam ser utilizados de modo a estimular a participação e autoavaliação.

O uso de portfólios é a dica que ofereço a todos aqueles que tenham interesse na adoção dessa metodologia de ensino por possibilitar registros contínuos e a avaliação de todo o processo de construção do conhecimento e aprendizagem pautado na Educação Patrimonial e na Cartografia Afetiva. Nas palavras de Silva e Craveiro (2014, p. 37), os portfólios “tornam-se instrumentos que através da documetação recolhida e analisada, permitem “reviver” experiências e promovem uma base para a discussão das aprendizagens”. As autoras apresentam fases da elaboração de portfólios (SILVA; CRAVEIRO, 2014, p. 50), que foram adaptadas para essa proposta, a saber:

FASES DA ELABORAÇÃO DE PORTFÓLIOS

1. Plano de ação do portfólio.	Determinação da finalidade do portfólio, do estabelecimento da sua estrutura, dos registros a recolher e das metas a serem alcançadas.
2. Recolhimento de registros.	Seleção de registros significativos.
3. Reflexão sobre os processos.	Comentários e contribuições.
4. Análise dos registros.	Identificação de conteúdos e aprendizagens.
5. Definição de propostas de intervenção.	Sempre que necessário para o aprimoramento.
6. Realização de reuniões de análise.	Análise dos portfólios.
7. Preenchimento das fichas de avaliação.	Verificação do alcance das metas.
8. Reconhecimento do alcance e das limitações da metodologia proposta.	Planejamento de novas práticas pedagógicas e de avaliação.

Fonte: Silva e Craveiro, 2014, p. 50 (com adaptações).

Sob esse prisma, é possível vislumbrar que esse instrumento de avaliação será de extrema valia para o reconhecimento do alcance e das limitações da metodologia proposta, dados fundamentais para o aprimoramento metodológico e o planejamento de novas práticas pedagógicas e de avaliação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs uma metodologia de ensino que apresenta como um dos seus principais desafios o de levar a educação para fora das salas de aula, ultrapassando os portões de acesso às escolas e buscando ampliar os horizontes dos alunos.

O produto educacional proposto foi um Caderno de Atividades para a elaboração de Mapas Afetivos, com a função de auxiliar os professores das diferentes disciplinas envolvidas no projeto transdisciplinar, entre outras: Matemática, Desenho, História, Geografia, Biologia e Artes Visuais, voltado ao Ensino Médio.

Para tanto, a Educação Patrimonial associada a Cartografia Afetiva foi pensada como uma possibilidade de metodologia de ensino voltada ao conhecimento da cultura e considerada capaz de incentivar uma nova leitura da realidade que nos cerca e das relações que estabelecemos com o patrimônio cultural, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, a sua valorização e a sua preservação.

Acredita-se que a Educação Patrimonial deva ser trabalhada nas escolas de modo permanente e sistêmico com vistas a oportunizar o conhecimento de patrimônios culturais

importantes para a preservação da memória da Cidade do Rio de Janeiro e, em especial, contribuir para o enriquecimento individual e coletivo dos alunos enquanto pessoas e cidadãos através de uma formação integral desses sujeitos, que teriam a curiosidade despertada, o desejo de conhecer e o prazer de usufruir os patrimônios culturais enquanto bens coletivos, passando, assim, a pensar a cultura como um direito fundamental que precisa ser preservada pelo Poder Público e pela sociedade.

Espera-se que os resultados obtidos com essa pesquisa e o uso do Caderno de Atividades para a Construção Coletiva de Mapas Afetivos sejam significativos para alunos e professores, que inspirem novas pesquisas pautadas na temática da Educação Patrimonial, que contribuam para a preservação dos patrimônios culturais, construam relações afetivas com os mesmos, fortaleçam os sujeitos para exercerem uma efetiva cidadania e os torne capazes de compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo nos diferentes lugares, os impactos que tais transformações geram na sociedade e a importância do registro das suas memórias através da Cartografia Afetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Umbelino Peregrino de. Patrimônio Cultural: Uma construção de cidadania. In: Educação patrimonial: reflexões e práticas. / Átila Bezerra Tolentino (Org.) – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012, p. 4 e 5. Disponível em: https://www.academia.edu/7681474/Caderno_Tem%C3%A1tico_de_Educa%C3%A7%C3%A3o_Patrimonial_nr_02_-_Educa%C3%A7%C3%A3o_patrimonial_-_reflex%C3%B5es_e_pr%C3%A1ticas?auto=download. Acesso em: 28/05/2020.

ANDRADE, Vera Lucia Cabana de Queiroz. Colégio Pedro II: um lugar de memória: 1837-1937. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARREIRO, Mateus Freitas; CARVALHO, Alonso Bezerra; FURLAN, Marta Regina. A arte e o afeto na inclusão escolar: potência e o pensamento não representativo. In: *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 30, maio-ago. 2018, pp. 517-534 (issn 1984-5987). Disponível em: <file:///C:/Users/Viviani%20M%20Freitas%20Ri/Downloads/30164-113663-1-PB.pdf>. Acesso em 19/10/2019.

BARROS, Manoel. Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BISPO, Luana Maria Cavalcanti. A Educação Patrimonial e suas práticas de incentivo às culturas locais. *Revista Simbiótica – Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias - Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com*, vol. 3, n. 1, jan.-jun., 2016.

BITAR, Nina Pinheiro. Patrimônios Culturais e Imaginários Urbanos: apropriações do espaço público pelos mercados no Rio de Janeiro. *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2560> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2560.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (2003). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17277>. Acesso em 20/10/2019.

_____; FURLANI, Daniela Dias; Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil. In: *Revista*

Psicologia & Sociedade; 22 (1): 50-59, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a07>. Acesso em 19/10/2019.

_____; NOBRE, B. H. L.; FERREIRA, T. L. M.; ARAÚJO, L. M. A.; Feitosa, Maria Zelfa de Souza; MARTINS, A. K. S.,..., & FARIAS, N. F. Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In R. G. Mira & A. Dumitru (Eds), *Urban Sustainability: Innovative spaces, vulnerabilities and opportunities* (131-147). Coruña: Institute of Psychosocial Studies and Research “Xoan Vicente Viqueira”. 2014.

_____; Feitosa, Maria Zelfa de Souza; Augusto, Diego Menezes. A utilização dos mapas afetivos como possibilidade de leitura do território no CRAS. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 145-158, jun. 2016.

BRANCO, Daniel Castelo. CADEG agora é patrimônio do Rio: O vice-presidente do espaço popularmente conhecido como Mercado Municipal, Arned Nemr, de 55 anos, revela que a decisão vai beneficiar o poder de negociação do centro. Agência O Dia. Reportagem em 15/05/2018. Disponível em : <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/05/5540264-cadeg-agora-e-patrimonio-do-rio.html#foto=1>. Acesso em: 08/03/2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação*. Rio de Janeiro, Iphan, 1996.

BRASIL, 2010. Lei Nº. 12.301, de 28 de julho de 2010, que declara o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas - Feira Nordestina de São Cristóvão Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. _____, 2016, Portaria IPHAN No 137, de 28 de abril de 2016, que estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. Publicada no D.O.U. Seção 1 Nº 81, sexta-feira, 29 de abril de 2016.

CARVALHO, Cristina; SANTOS, Maria Emília Tagliari Santos; RESINENTTI, Priscila Matos; ALEXANDRE, Rosana Ferreira; LOPES, Thamiris Bastos. Educação infantil e patrimônio cultural: diálogo entre educadores do Rio de Janeiro e de São Tomé e Príncipe. *Horizontes*, v. 35, n. 3, p. 175-183, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.gepemci.com.br/wp-content/uploads/2018/05/S%C3%A3o-Tom%C3%A9-e-Pr%C3%ADncipe.pdf>. Acesso em 25/02/2020.

CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael. Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, Nº 6, junho 2018. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/11d46835/c9a3/4d4c/bbea/20adb48df00f.pdf>. Acesso em: 19/10/2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? São Paulo: Ed. 34, 2005.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Gustavo Assed; MANGO, Andrei Rossi. Cultura como direito fundamental: Regras e princípios culturais. In: Revista Brasileira de Direitos e Garantias Fundamentais. Brasília, v. 3, n. 1, p. 80 a 98, Jan/Jun. 2017. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/garantiasfundamentais/article/view/2108/pdf>. Acesso em: 25/02/2020.

FIGUEIREDO, Alexandre. Feira de São Cristóvão vira patrimônio cultural. Ensaios patrimoniais: Antropologia, Arquitetura, Cultura, História e Urbanismo. Disponível em: <http://ensaiospatrimoniais.blogspot.com/2010/08/feira-de-sao-cristovao-vira-patrimonio.html>. Acesso em 20/10/2019.

FLORENCIO, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: um processo de mediação. In: Educação patrimonial: reflexões e práticas. / Átila Bezerra Tolentino (Org.) – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012, p. 22 a 29. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/39/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Patrimonial%20-%20um%20processo%20de%20media%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 22/09/2019.

FREITAS RIBEIRO, Viviani de Moraes. Das trevas às luzes?: transformações de uso e propostas de reestruturação do bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003b.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico da Educação Patrimonial. Museu Imperial/DEPROM - IPHAN – MINC, 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. Portaria IPHAN no 137/2016. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio.

_____. Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos. 2014.

_____. Feira de São Cristóvão. Seminário Feira de São Cristóvão: patrimônio de cariocas e nordestinos, dezembro de 2011. Vídeo postado no Youtube em 19 de mar. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wa6ddSpwSLg>. Acesso em: 08/03/2020.

KOSEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. In: Geograficidade | v.3, Número Especial, Primavera 2013. ISSN 2238-0205. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12874>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

NOGUEIRA, Martha. De feira popular a centro de tradições: a Feira de São Cristóvão como patrimônio imaterial do Brasil. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, 2015. Número Especial 6(1): 1-24. ISSN 2176-6789.

PEREIRA, Juliana Cristina. Cartografias Afetivas: Proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina – SC, 2016.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Lei Nº 6349, de 04 de maio de 2018, que tomba, por seu interesse histórico e cultural, a sede do Mercado Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara - CADEG. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/lei-ordinaria/2018/635/6349/lei-ordinaria-n-6349-2018-tomba-por-seu-interesse-historico-e-cultural-a-sede-do-mercado-municipal-do-rio-de-janeiro-centro-de-abastecimento-do-estado-da-guanabara-cadeg>. Acesso em: 08/03/2020.

_____. Lei Nº 101, de 23 de novembro de 2009, que modifica o plano diretor, autoriza o poder executivo a instituir a operação urbana consorciada da região do porto do Rio e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rj/r/rio-de-janeiro/lei-complementar/2009/10/101/lei-complementar-n-101-2009-modifica-o-plano-diretor-autoriza-o-poder-executivo-a-instituir-a-operacao-urbana-consorciada-da-regiao-do-porto-do-rio-e-da-outras-providencias>. Acesso em 08/03/2020.

RIBEIRO, Viviani de Moraes Freitas. A (des)construção do espaço carioca na ‘Era César Maia’ (1993-2008): reflexões sobre o modelo de planejamento urbano estratégico e o conjunto de objetos arquitetônicos denominados ‘Pentágono do Milênio’. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos Santos; SILVA, Elizabeth Monteiro da; ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz; RODRIGUES, Vera Maria Ferreira. Memória Histórica do Colégio Pedro II: 180 anos de história na educação do Brasil. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2018.

SILVA, Brigitte; CRAVEIRO, Clara. O portfólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância. Revista Zero-a-seis. Revista eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na pequena Infância. ISSN 1980-4512 v. I. N.29 p. 003-053. Jan-jul 2014.

SILVEIRA, Carlos Eduardo Ribeiro; FREITAS, Fernanda Silva; MATTOS, Mariana Mendonça. Da cartografia afetiva à análise urbana: Olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld. XVIII ENANPUR, Natal, 2019, de 27 a 31 de maio.

TARIN, Bruno; SANDROMINI, Laila, et al. Cartografia Afetiva: Nas nuvens das raízes profundas. Atividade integrante da Bolsa Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura 2012. In: <http://www.tupivivo.org/percurso/>. Acesso em 26/09/2019.

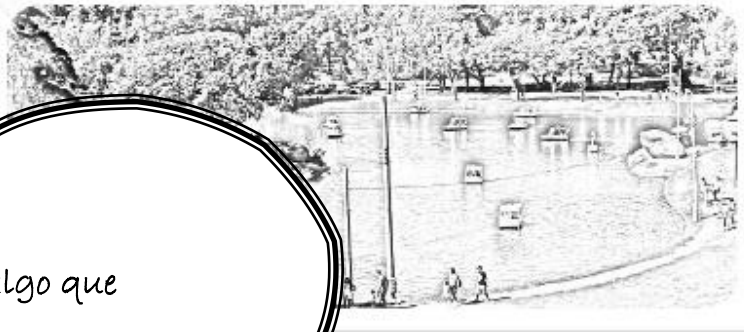
TEIXEIRA, Rosanny Moraes de Moraes; FREITAS, Neli Klix. A importância da afetividade na interação pedagógica da arte em educação especial e educação inclusiva – área de condutas típicas. p. 3787 a 3801. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia.

VETTORASSI, Andréa. Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico. In: História e Cultura, Franca, v. 3, n. 3, p. 155-176, dez. 2014.

WOSNIAK, Fábio. Sobre o conceito de arte como experiência no grupo de estudos. Estúdio de Pintura Apotheke. Revista Criar Educação – PPGE – UNESC, Criciúma, v. 7, nº1, jan/jul 2018. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/viewFile/4166/3878>. Acesso em: 28/02/2020.

APENDICE A – O PRODUTO EDUCACIONAL

CADERNO DE ATIVIDADES PARA A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE MAPAS AFETIVOS



*Como preservar algo que
não se conhece, vivência
e/ou experiência*

?

Viviani de Moraes Freitas Ribeiro

Caros professores,

Esse Caderno de Atividades para a Construção Coletiva de Mapas Afetivos foi elaborado com base em uma proposta de metodologia de ensino que associa a Educação Patrimonial a Cartografia Afetiva.

O presente produto educacional foi pensado como uma tentativa de preencher uma lacuna percebida na educação formal e que se caracteriza pela carência de atividades educativas voltadas a valorização do patrimônio cultural, o que leva ao desconhecimento, por grande parte dos alunos, dos patrimônios culturais existentes nas cidades do nosso país, fadados ao abandono.

A questão principal é: Como preservar algo que não se conhece, vivencia e/ou experiencia? Nesse sentido, as atividades aqui propostas levam em consideração as especificidades de cada patrimônio e os motivos que levaram a sua consideração como um patrimônio cultural a ser preservado. E, o mais interessante da proposta, propiciam oportunidades para os alunos conhecerem os patrimônios, vivenciarem e/ou experienciarem esses espaços para que sejam capazes de construir coletivamente Mapas Afetivos desses locais importantíssimos para a preservação da memória e para a compreensão da formação da nossa sociedade e dos problemas que enfrentamos no dia-a-dia.

A Cidade do Rio de Janeiro foi o recorte espacial definido nesse Caderno de Atividades e os patrimônios culturais foram escolhidos, entre tantas outras possibilidades, por constituírem locais que serviram de cenários para os grandes acontecimentos que marcaram a história do nosso país: a Quinta da Boa Vista, o Jardim Botânico, o Sítio Arqueológico Cais do Valogo, o Quilombo da Pedra do Sal, o Aqueduto da Carioca (Arcos da Lapa) e o Paço Imperial.

Outros patrimônios culturais importantes da Cidade Maravilhosa e de outras cidades podem ser oportunamente trabalhados em sala de aula a partir dessa metodologia de ensino. Cabe aos professores seguir o passo-a-passo ora apresentado e aperfeiçoá-lo sempre que vislumbrarem novas possibilidades. O importante é sensibilizar os alunos para a importância da preservação do riquíssimo patrimônio cultural brasileiro, tocar-lhes o coração nas peculiaridades inerentes a cada objeto de estudo selecionado e orientá-los nesse caminho maravilhoso de enriquecimento cultural.

Ao visitarem os patrimônios previamente contextualizados, segundo os roteiros propostos para a estruturação das pesquisas, os alunos serão convidados a reviver momentos marcantes do período do Império Brasileiro e, com muita informação, afetividade e criatividade, serão capazes de construir coletivamente os Mapas Afetivos e de reconhecer a importância da preservação desses bens para a história da formação do povo brasileiro e o fortalecimento da nossa cidadania.

1. MAPA AFETIVO DA QUINTA DA BOA VISTA

FIGURA 1: Quinta da Boa Vista.



Fonte: Halley Pacheco de Oliveira/ Ipatrimônio².

Breve Histórico

A Quinta da Boa Vista é um parque urbano que abrigou a residência dos reis de Portugal, no período em que se refugiaram no Brasil, por ocasião da invasão daquele país pelas tropas de Napoleão.

O parque possui um desenho de origem francesa com lagos, áreas gramadas e ajardinadas. Em seu interior encontra-se o BioParque do Rio (antigo Jardim Zoológico da cidade). Este parque conta, ainda hoje, com grande visitação, especialmente nos fins de semana e nos feriados, face à carência de outras áreas públicas urbanas na zona norte da cidade.

A construção do Palacete da Quinta da Boa Vista foi realizada por Antônio Elias Lopes em uma chácara localizada entre o Saco de São Diogo e o de Inhaúma e poucos anos após a sua conclusão, tornou-se a residência da família real (RIO DE JANEIRO (RJ). Prefeitura. Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1991, p. 27, 28) (FREITAS, 2003, p. 171).

² Ipatrimônio. IPHAN Panoramas. Rio de Janeiro – Quinta da Boa Vista. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/rio-de-janeiro-quinta-da-boa-vista/#!/map=38329&loc=-22.905053000000006,-43.22403400000001,17>. Acesso em: 20/03/2020.

Roteiro de Atividades:**1º Momento – Contextualização (Oficinas de Educação Patrimonial e de Sensibilização)**

1. Pesquisa histórica da Quinta da Boa Vista:

A) a construção do Palacete por Antônio Elias Lopes em 1792;

B) a vinda da família real para o Brasil em 1808;

C) o embelezamento da Quinta da Boa Vista pelo paisagista e botânico francês Glaziou em 1875;

D) a transformação da Quinta da Boa Vista em parque público em 1911 e os diferentes usos do Palacete;

E) o incêndio do Museu Nacional e a transformação do Zoológico em BioParque do Rio em 2018.

2. Identificar os motivos que levaram a Quinta da Boa Vista a ser considerada patrimônio pelo IPHAN em 1938 (Número do Processo: 99-T-1938, Livro do Tombo Histórico: Inscr. nº 68, de 30/06/1938).

2º Momento – Fruição Estética (Aula de Campo - Visita a Feira de São Cristóvão)

1. Caracterizar o local e o seu entorno;

2. Listar os principais os usos e significados antigos e atuais do patrimônio em questão;

3. Entrevistar os agentes que integram o espaço e registrar suas memórias afetivas;

4. Detalhar quais dos cinco sentidos (audição, visão, olfação, gustação e tato) esse patrimônio desperta no grupo;

3º Momento – Construção Coletiva do Mapa Afetivo

As atividades se darão da seguinte forma:

1. Consolidação dos Saberes (debate em sala de aula relacionando as questões trabalhadas à realidade dos alunos)

2. Oficina de Arte Educação (apresentação de diferentes técnicas de produção artística);

3. Oficina de Planejamento dos Mapas Afetivos;

4. Construção Coletiva dos Mapas Afetivos;

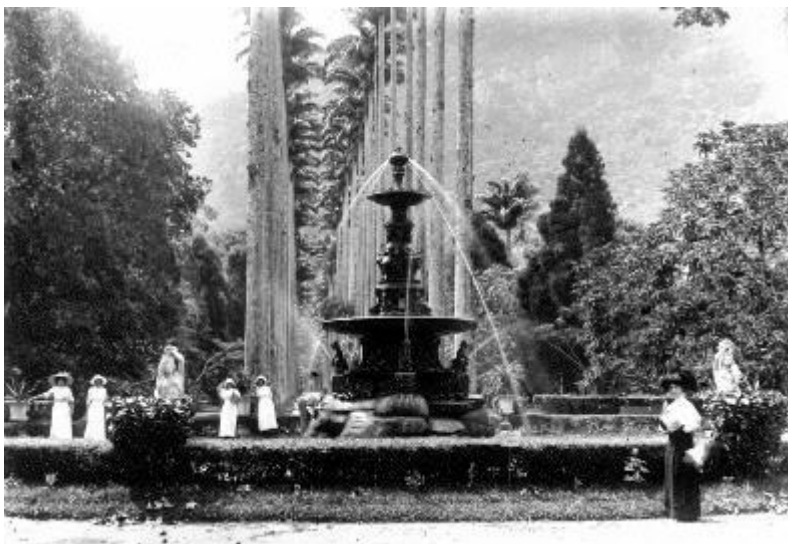
5. Exposição do Mapas Afetivos elaborados;

6. Oficina de Elaboração de Portfólios;

7. Exposição dos Portfólios (Avaliação).

2. MAPA AFETIVO DO JARDIM BOTÂNICO

FIGURA 2: Chafariz das Musas, Jardim Botânico.



Fonte: Foto - Chafariz das Musas, foto do início do século - Arquivo do JBRJ³

Breve Histórico

O Jardim Botânico, localizado na Rua Jardim Botânico No 1008, foi fundado em 13 de junho de 1808 por D. João VI, príncipe regente na época, e foi criado com o objetivo de aclimatar as especiarias vindas das Índias Orientais.

“A mudança da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, trouxe, entre outros benefícios, a fundação de uma Fábrica de Pólvora, no antigo Engenho de Cana de Rodrigo de Freitas. Encantado com o local, D. João VI, por decreto de 13.06.1808, mandou que ali se promovesse a aclimação e cultivo de especiarias, vindas da Índia. O primeiro nome do Jardim Botânico, Aclimação, foi transformado em Real Horto pelo citado decreto, que logo depois, ao ser coroado D. João VI como rei do Reino Unido de Portugal e Brasil, passou a se chamar Real Jardim Botânico, hoje Jardim Botânico” (Ipatrimonio. IPHAN Natural Panoramas. Rio de Janeiro – Jardim Botânico. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/rio-de-janeiro-jardim-botanico/#!/map=38329&loc=-22.96762600000001,-43.225255,17>. Acesso em: 20/03/2020).

Em 1822, com a Independência do Brasil, o Real Horto foi aberto ao público como Real Jardim Botânico e, depois, com a fundação do Império do Brasil, como Imperial Jardim Botânico. Com a Proclamação da República, em 1889, passou a ser denominado oficialmente como Jardim Botânico do Rio de Janeiro⁴.

³ Disponível em: <https://aplicacoes.jbrj.gov.br/arboreto/chafariz.htm>. Acesso em 20/03/2020.

⁴ Disponível em: <https://www.infoescola.com/brasil/jardim-botanico-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 20/03/2020.

Roteiro de Atividades:

1º Momento – Contextualização (Oficinas de Educação Patrimonial e de Sensibilização)

1. Pesquisa histórica do Jardim Botânico.

A) a criação;

B) o Período Imperial;

C) a Proclamação da República;

D) o Jardim Botânico como Reserva da Biosfera (1991) pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura;

E) a importância da valorização do Jardim Botânico como um local de entretenimento, lazer e turismo, ressignificando esse espaço através de diferentes usos.

2. Identificação dos motivos que levaram o Jardim Botânico a ser considerado patrimônio pelo IPHAN (Número do Processo: 157-T-1938, Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscr. nº 2, de 30/05/1938).

2º Momento – Fruição Estética (Aula de Campo - Visita ao Jardim Botânico)

1. Caracterizar o local e o seu entorno;

2. Listar os principais os usos e significados antigos e atuais do patrimônio em questão;

3. Entrevistar os agentes que integram o espaço e registrar suas memórias afetivas;

4. Detalhar quais dos cinco sentidos (audição, visão, olfação, gustação e tato) esse patrimônio desperta no grupo;

3º Momento – Construção Coletiva do Mapa Afetivo

As atividades se darão da seguinte forma:

1. Consolidação dos Saberes (debate em sala de aula relacionando as questões trabalhadas à realidade dos alunos)

2. Oficina de Arte Educação (apresentação de diferentes técnicas de produção artística);

3. Oficina de Planejamento dos Mapas Afetivos;

4. Construção Coletiva dos Mapas Afetivos;

5. Exposição do Mapas Afetivos elaborados;

6. Oficina de Elaboração de Portfólios;

7. Exposição dos Portfólios (Avaliação).

3. MAPA AFETIVO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAIS DO VALONGO

FIGURA 3: Sítio Arqueológico Cais do Valongo



Fonte: Portal do IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>. Acesso em: 20/03/2020.

Breve Histórico

Em 2011, com as escavações realizadas para a reforma da zona portuária (obras do Porto Maravilha), foi revelado o Cais do Valongo, construído no final do século XVIII, na região da denominada Pequena África, no do Rio de Janeiro. Conforme o site do IPHAN:

“o Cais foi construído em 1811 pela Intendência Geral de Polícia da Corte do Rio de Janeiro. O objetivo era retirar da Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março, o desembarque e comércio de africanos escravizados que eram levados para as plantações de café, fumo e açúcar do interior do Estado e de outras regiões do Brasil. Os que ficavam na capital, geralmente eram os escravos domésticos ou aqueles usados como força de trabalho nas obras públicas” (Portal do IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>. Acesso em: 20/03/2020).

Apresentada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a candidatura do Sítio Arqueológico do Cais do Valongo foi aceita no fim de 2015 e passou a integrar Lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1º de março de 2017.

Fazer parte dessa lista significa que esse patrimônio possui um valor universal excepcional “como memória da violência contra a Humanidade representada pela escravidão, e de resistência, liberdade e herança, fortalecendo as responsabilidades históricas, não só do Estado brasileiro, como de todos os países membros da Unesco” (Portal do IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>. Acesso em: 20/03/2020).

Roteiro de Atividades:

1º Momento – Contextualização (Oficinas de Educação Patrimonial e de Sensibilização)

1. Pesquisa histórica do Sítio Arqueológico Cais do Valongo:

A) o contexto histórico que levou o Cais do Valongo a se tornar o maior receptor de escravos do mundo;

B) o contexto histórico em que surgiu a expressão “Pequena África”, criada pelo pintor e sambista Heitor dos Prazeres;

C) a dimensão arqueológica do Cais do Valongo;

D) a zona de amortecimento do Cais do Valongo e a legislação municipal e federal de proteção do patrimônio arquitetônico e urbanístico e a lei de preservação do patrimônio arqueológico;

E) a importância da gestão e da conservação do Cais do Valongo.

2. Identificação dos motivos que levaram o Cais do Valongo a ser considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO.

2º Momento – Fruição Estética (Aula de Campo - Visita ao Cais do Valongo)

1. Caracterizar o local e o seu entorno;

2. Listar os principais usos e significados antigos e atuais do patrimônio em questão;

3. Entrevistar os agentes que integram o espaço e registrar suas memórias afetivas;

4. Detalhar quais dos cinco sentidos (audição, visão, olfação, gustação e tato) esse patrimônio desperta no grupo.

3º Momento – Produção Artística do Mapa Afetivo

As atividades se darão da seguinte forma:

1. Consolidação dos Saberes (debate em sala de aula relacionando as questões trabalhadas à realidade dos alunos)

2. Oficina de Arte Educação (apresentação de diferentes técnicas de produção artística);

3. Oficina de Planejamento dos Mapas Afetivos;

4. Construção Coletiva dos Mapas Afetivos;

5. Exposição dos Mapas Afetivos elaborados;

6. Oficina de Elaboração de Portfólios;

7. Exposição dos Portfólios (Avaliação).

4. MAPA AFETIVO DO QUILOMBO PEDRA DO SAL

FIGURA 4: Pedra do Sal, Morro da Conceição



FONTE: Agência Brasil/ Arquivo. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-11/rio-comemora-os-30-anos-da-pedra-do-sal-como-patrimonio-tombado>. Acesso em 20/02/2020.

Breve Histórico

A Pedra do Sal, no Morro da Conceição, localizada na Rua Argemiro Bulcão, Saúde - I.R.A. Zona Portuária do Rio de Janeiro, era onde os escravos africanos descarregavam o sal importado de Portugal e foi tombada provisoriamente pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), em 23 de novembro de 1984 (Número do processo: E-18/300.048/84), recebendo o tombamento definitivo em 11 de maio de 1987.

“A Pedra do Sal é testemunho cultural mais que secular da africanidade brasileira, espaço ritual consagrado e o mais antigo monumento vinculado à história do samba carioca. Outrora teve os nomes de Quebra-Bunda, Pedra da Prainha e, como nas redondezas se carregava o sal, popularizou-se como do Sal. Ali se instalaram os primeiros negros da Saúde, se encontraram as Tias Baianas, soaram os ecos das lutas populares, das festas de candomblé e das rodas de choro. Nas ruas tortuosas e becos que a envolvem, nasceram os ranchos e o carnaval carioca. No dorso da Pedra do Sal estão inscritas as raízes do nosso samba” (Site INEPAC. Disponível em: http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/20. Acesso em: 20/03/2020.

O Prefeito Marcelo Crivella inicialmente vetou, mas depois determinou, em 2018, a abertura do registro para reconhecer o Quilombo da Pedra do Sal como Bem Cultural de Natureza Imaterial e inscrevê-lo no Livro de Registro dos Lugares (IPHAN).

Roteiro de Atividades:

1º Momento – Contextualização (Oficinas de Educação Patrimonial e de Sensibilização)

1. Pesquisa histórica do Quilombo da Pedra do Sal:

- A) o surgimento do Quilombo Pedra do Sal;
- B) de Pedra da Prainha a Pedra do Sal;
- C) a região da Pedra do Sal em meados do século XVI com a presença de trapiches (depósitos de mercadorias próximos aos portos) e de casas comerciais;
- D) o Quilombo Pedra do Sal na região denominada “Pequena África”;
- E) o Cemitério dos Pretos Novos.

2. Identificação dos motivos que levaram o Quilombo da Pedra do Sal o a ser considerado um bem tombado pelo INEPAC.

2º Momento – Fruição Estética (Aula de Campo - Visita ao Quilombo da Pedra do Sal)

- 1. Caracterizar o local e o seu entorno;
- 2. Listar os principais os usos e significados antigos e atuais do patrimônio em questão;
- 3. Entrevistar os agentes que integram o espaço e registrar suas memórias afetivas;
- 4. Detalhar quais dos cinco sentidos (audição, visão, olfação, gustação e tato) esse patrimônio desperta no grupo.

3º Momento – Produção Artística do Mapa Afetivo

As atividades se darão da seguinte forma:

- 1. Consolidação dos Saberes (debate em sala de aula relacionando as questões trabalhadas à realidade dos alunos)
- 2. Oficina de Arte Educação (apresentação de diferentes técnicas de produção artística);
- 3. Oficina de Planejamento dos Mapas Afetivos;
- 4. Construção Coletiva dos Mapas Afetivos;
- 5. Exposição do Mapas Afetivos elaborados;
- 6. Oficina de Elaboração de Portfólios;
- 7. Exposição dos Portfólios (Avaliação).

5. MAPA AFETIVO DO AQUEDUTO DA CARIOCA (ARCOS DA LAPA)

FIGURA 5: Os Arcos da Lapa, Região Central



FONTE: Daniel Castelo Branco / Agência O Dia⁵. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/01/5859940-prefeitura-iluminara-os-arcos-da-lapa-em-comemoracao-ao-dia-mundial-de-visibility-trans.html>. Acesso em 20/02/2020.

Breve Histórico

Em virtude da escassez de água na cidade do Rio de Janeiro, foi necessária a construção do Aqueduto da Carioca (atual Arcos da Lapa) para trazer água das nascentes do Rio Carioca, no Morro do Desterro (atual Santa Tereza), até o Morro de Santo Antônio, no Centro.

Oficialmente o aqueduto ficou pronto em 1950. O desague era feito em um grande chafariz que possuía 17 bicas de bronze e que ficava localizado no Largo da Carioca, ao pé da ladeira do Convento de Santo Antônio. Oficialmente, o aqueduto ficou pronto em 1750⁶.

Ao longo do século XIX, o monumento perdeu sua função original, ganhando uma nova utilidade: servir de passagem para uma linha de bondes elétricos, instalada em 1896. Por sua importância histórica e artística e por sua função utilitária original e pela escala em que foi implantado, é considerada a maior obra urbana do período colonial.

⁵ O DIA. Prefeitura iluminará os Arcos da Lapa em comemoração ao Dia Mundial de Visibilidade Trans. Coordenadoraia Especial de Diversidade Sexual promoverá um conjunto de ações para celebrar a data.. Publicado em 28/01/2020. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/01/5859940-prefeitura-iluminara-os-arcos-da-lapa-em-comemoracao-ao-dia-mundial-de-visibility-trans.html>. Acesso em 20/02/2020.

⁶ Arcos da Lapa [antigo Aqueduto da Carioca]. Disponível em: http://www.riocultura.com.br/instituicao/hist/hist_patrim_arcos_lapa.asp. Acesso em 20/03/2020.

Roteiro de Atividades:

1º Momento – Contextualização (Oficinas de Educação Patrimonial e de Sensibilização)

1. Pesquisa histórica do Aqueduto da Carioca (Arcos da Lapa):

- A) a ocupação da cidade do Rio de Janeiro no início do século XVIII;
- B) os fatores históricos e geográficos que levaram a construção do aqueduto;
- C) as etapas da construção do aqueduto;
- D) a obsolescência e a mudança de uso;
- E) o Largo da Lapa.

2. Identificação dos motivos que levaram o Aqueduto da Carioca (Arcos da Lapa) a ser considerado um bem tombado pelo IPHAN.

2º Momento – Fruição Estética (Aula de Campo - Aqueduto da Carioca – Arcos da Lapa)

- 1. Caracterizar o local e o seu entorno;
- 2. Listar os principais usos e significados antigos e atuais do patrimônio em questão;
- 3. Entrevistar os agentes que integram o espaço e registrar suas memórias afetivas;
- 4. Detalhar quais dos cinco sentidos (audição, visão, olfação, gustação e tato) esse patrimônio desperta no grupo.

3º Momento – Produção Artística do Mapa Afetivo

As atividades se darão da seguinte forma:

- 1. Consolidação dos Saberes (debate em sala de aula relacionando as questões trabalhadas à realidade dos alunos)
- 2. Oficina de Arte Educação (apresentação de diferentes técnicas de produção artística);
- 3. Oficina de Planejamento dos Mapas Afetivos;
- 4. Construção Coletiva dos Mapas Afetivos;
- 5. Exposição dos Mapas Afetivos elaborados;
- 6. Oficina de Elaboração de Portfólios;
- 7. Exposição dos Portfólios (Avaliação).

6. MAPA AFETIVO DO PAÇO IMPERIAL

FIGURA 6: O Paço Imperial



FONTE: Sem autor. Patrimônio. Revista eletrônica do IPHAN. Disponível em: <https://http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=112>. Acesso em 20/02/2020.

Breve Histórico

O Paço Imperial, na Praça XV, é um monumento histórico que resistiu a diferentes momentos, sendo palco de importantes acontecimentos da história do Brasil.

“Construído em 1733 e inaugurado em 1743, o prédio foi usado primeiramente como Casa dos Vice-Reis do Brasil. Com a chegada da Corte de D. João VI, ao Rio de Janeiro, em 1808, tornou-se Paço Real e sede dos governos do Reinado e do Império. Após a Proclamação da República, em 1889, abrigou a Agência Central dos Correios e Telégrafos. A primeira planta em escala da cidade, feita em 1713, e os vestígios arqueológicos revelam que, no Paço Imperial, também funcionaram a Casa da Moeda e o Armazém del Rei” (IPHAN, Centro Cultural Paço Imperial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/348/>. Acesso em: 20/03/2020).

Em 1938, o Paço Imperial foi tombado pelo Iphan e inscrito nos livros do Tombo Histórico e Tombo de Belas Artes e reconhecido por ser, externamente, o melhor exemplo dos aspectos da arquitetura portuguesa e brasileira anteriores à chegada da Missão Artística Francesa, ao Brasil, em 1816.

Após ser restaurado, tornou-se, em 1985, um centro cultural vinculado ao Iphan. Esse foi o ponto de partida para uma nova fase da Praça XV e entorno que concentra outros centros culturais com programações variadas e que atraem um público.

Roteiro de Atividades:

1º Momento – Contextualização (Sala de Aula)

1. Pesquisa histórica do Paço Imperial:

- A) o contexto histórico da cidade do Rio de Janeiro no início do século XVIII;
- B) a construção do Paço Imperial;
- C) as mudanças no projeto e no uso do Paço Imperial;
- D) a transformação do Paço Imperial em centro cultural;
- E) a Praça XV.

2. Identificação dos motivos que levaram o Paço Imperial a ser considerado um bem tombado pelo IPHAN.

2º Momento – Fruição Estética (Aula de Campo - Paço Imperial)

- 1. Caracterizar o local e o seu entorno;
- 2. Listar os principais usos e significados antigos e atuais do patrimônio em questão;
- 3. Entrevistar os agentes que integram o espaço e registrar suas memórias afetivas;
- 4. Detalhar quais dos cinco sentidos (audição, visão, olfação, gustação e tato) esse patrimônio desperta no grupo.

3º Momento – Produção Artística do Mapa Afetivo

As atividades se darão da seguinte forma:

- 1. Consolidação dos Saberes (debate em sala de aula relacionando as questões trabalhadas à realidade dos alunos)
- 2. Oficina de Arte Educação (apresentação de diferentes técnicas de produção artística);
- 3. Oficina de Planejamento dos Mapas Afetivos;
- 4. Construção Coletiva dos Mapas Afetivos;
- 5. Exposição dos Mapas Afetivos elaborados;
- 6. Oficina de Elaboração de Portfólios;
- 7. Exposição dos Portfólios (Avaliação).